

Entre ciclistas e veganos: a construção de um circuito ativista em Porto Alegre no Vulp Bici-Café

Carlos Roberto Santos Vieira (FTEC) - carlos_robertovieira@terra.com.br

Carolina Dalla Chiesa (UFRGS) - carolinadallachiesa@gmail.com

Resumo:

O objetivo do trabalho é “discutir a constituição de um circuito de comércio alternativo, cicloativista e vegano a partir de espaços organizacionais em Porto Alegre”. O presente trabalho elabora este objetivo a partir de observações em um dos espaços escolhidos: o Vulp Bici-Café. Este é um trabalho de orientação qualitativa apoiado nas técnicas de observação participante e entrevistas em profundidade. Teoricamente, nos alinhamos principalmente às concepções de Zelizer (2005) sobre “circuitos”. Até o presente momento, os resultados são exploratórios advindos de um trabalho em construção que aponta para a existência de um circuito de consumo alternativo vegano e cicloativista em Porto Alegre, o qual se confunde com a própria história desses ativismos na cidade. Este “circuito” se territorializa em bairros centrais da cidade a partir de alguns empreendimentos cujos consumidores se identificam com os repertórios de ação coletiva veganos e cicloativistas, os quais produzem formas de troca e consumo que remetem, em certos casos, às circulações de dádivas.

Palavras-chave: *ativismo; circuito; vegano*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

Entre ciclistas e veganos: a construção de um circuito ativista em Porto Alegre no Vulp Bici-Café

Contextualização e Objetivos

Diversas são as maneiras de pensar e interpretar um “espaço organizacional”, por exemplo, desde assumpções voltadas às discussões de poder e espaço (Markus, 2006), gênero (Tyler e Cohen, 2010), controle (Dale, 2005), arquiteturas e design da organização (Bellas, 2006), trabalhos que se voltam à discussão de espaços organizacionais constituídos na internet, ou a partir desta (Kivinen, 2006). Poucos são os trabalhos que enfocam a permeabilidade da constituição de determinados espaços, pensando suas transitoriedades, suas dimensões simbólicas ou mesmo os **circuitos** que os compõem, cuja história transcende a organização em si mesma, de modo que ela seja um ponto de encontro de histórias, trocas, práticas, pessoas, materiais, até mesmo utopias, concentradas ou não na organização que se busca pesquisar.

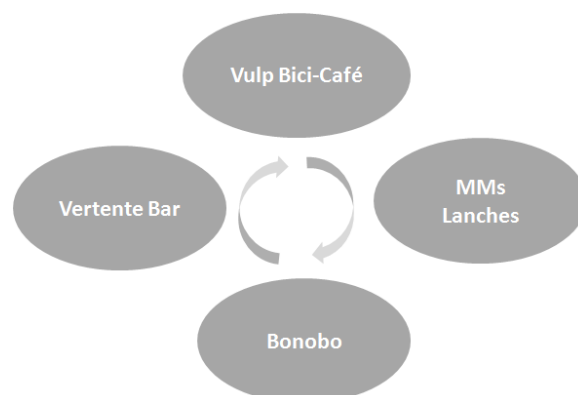
Neste trabalho, buscamos discutir a constituição de um determinado espaço organizacional a partir da noção de “circuitos de comércio” (Zelizer, 2005), tendo em vista a circulação de pessoas, bens e valores e sociabilidades que ali ocorrem como partes de uma “esfera de troca” (não restrita ao espaço organizacional enfocado). O espaço em questão trata-se do “Vulp Bici-Café”, um restaurante e café vegano - situado no bairro Bom-Fim em Porto Alegre - constantemente frequentado por ciclistas que fazem parte da história da constituição deste movimento em Porto Alegre; uma história que se confunde com a fundação do próprio espaço em questão.

Este trabalho está em construção e seus achados são exploratórios, de modo que os dados a serem apresentados sejam parte de uma pesquisa em andamento¹ que busca mapear espaços de sociabilidade e circuitos alternativos de Porto Alegre, especificamente relacionados às socialidades veganas, vegetarianas e cicloativistas. Entendemos, que existe uma relação entre ativismo vegano-vegetariano e cicloativismo em Porto Alegre (e, possivelmente outras localidades²) que se presentifica em determinados espaços de sociabilidade como cafeterias, restaurantes, bares e botecos.

¹ Esta pesquisa é parte do projeto de pesquisa “Quando a interação faz parte do negócio: a construção da vida organizacional cotidiana vista pela lente das sociabilidades”, coordenado por Letícia Fantinel (UFES).

² Onde por exemplo os eventos do Massa Crítica são realizados, em diferentes lugares do mundo (Silva, 2011).

Figura 1: Alguns espaços vegano-ciclistas de Porto Alegre³



Fonte: autoria própria

Embora vários sejam os espaços de sociabilidade vegana e cicloativista em Porto Alegre, esta figura busca concentrar o “circuito” privilegiado por frequentadores desses espaços e fundadores destes locais de comércio, que os utilizam em maior ou menor frequência. O presente trabalho pesquisou até este momento, dois dos espaços acima (Vulp e MMs) que possibilitaram a visualização do circuito representado na figura 1. O **Vulp** foi escolhido como principal representante, neste momento, dada sua importância na constituição de um espaço de sociabilidade que concentra diversas utopias, práticas de gestão alternativas e trocas que fazem parte da constituição de movimentos veganos e cicloativistas da cidade. Sua fundação como café, comércio e restaurante também funda uma territorialidade destes ativismos que permeiam diversos outros espaços na cidade, tendo no Vulp, quiçá, um de seus principais pontos de encontro.

Teoricamente, nos amparamos na noção de “circuito” (Zelizer, 2005) como forma de dar conta de um espaço cuja história e práticas não podem ser restritas à organização em si mesma - ou ao aparato conceitual de espaço organizacional - que é parte da constituição de movimentos ativistas da cidade, de trocas monetárias e não-monetárias e da veiculação de utopias próprias dos movimentos que constituem tais espaços. Para Zelizer (2005), um **circuito** não é um segregado social ou espacial, embora algumas vezes possam abranger comunidades específicas. Como aponta a autora: “todos os circuitos incluem um limite, materiais culturais distintivos, e

³ Os espaços da figura foram assim dispostos a partir de informações das entrevistas realizadas com nossos interlocutores, Daniel Silva, frequentador do Vulp Bici-Café e Silvia Pont, uma das donas do local.

formas particulares de transferência e mediação. E é claro também incluem uma rede – laços e relações particulares” (Zelizer, 2005, p. 294).

Cada circuito social, para a autora, incorpora entendimentos, práticas, informações, obrigações, direitos, símbolos e formas de troca comerciais monetárias ou não-monetárias que, frequentemente, representam uma construção coletiva de algo. Podem ser mais ou menos impessoais, assim compreender pessoas intimamente ligadas ou não com as formas de relação que acontecem em determinado circuito. De modo recorrente, tais circuitos são permeados por moralidades ou “economias morais” (Fassin, 2012) que constituem as formas das trocas e práticas de um circuito.

À noção de “circuitos”, agregamos discussões sobre espaços organizacionais e sociabilidades oriundas de reflexões de alguns trabalhos como Fantinel e Cavedon (2010), Simmel (1983) e Frugoli (2007). Para Simmel (1983), a interação dos indivíduos motivada por impulsos ou força de propósito fazem com que estes vivam uns com os outros, interajam entre si e formem uma unidade, mais precisamente uma sociedade. Estas formas de interação humana têm distinções entre sua forma e conteúdo. Sob uma perspectiva complementar, segundo Fantinel e Fischer (2012) a sociabilidade se dá em tempos e espaços determinados, logo, não é possível pensar tal fenômeno sem uma contextualização de tempo e espaço. Além disso, os autores defendem que a sociabilidade é essencial para compreensão de determinados espaços organizacionais aqui entendidos como campo de significados, preceitos aos quais nos alinhamos neste trabalho.

O **objetivo geral** do trabalho é “discutir a constituição de um **circuito** de comércio alternativo, cicloativista e vegano⁴ a partir de espaços organizacionais em Porto Alegre”. Especificamente, o presente trabalho elabora este objetivo a partir de observações exploratórias de um dos espaços escolhidos: o Vulp Bici-Café.

Metodologia

Este é um trabalho de orientação qualitativa e etnográfica (Cavedon, 2003) e, portanto, enfoca questões muito particulares de uma realidade social, tendo em vista relações que são

⁴ O vegano é aquele que procura seguir um estilo de vida que exclua todas as formas de exploração de animais e de crueldade contra eles. É um vegetarianismo puro ou eminentemente ético. Além de não ingerir carnes, peixes, aves, ovos, leite, mel e seus subprodutos como gelatina, soro, gordura, etc, veganas e veganos não utilizam tecidos de origem animal, como couro, seda, lã e peles, nem produtos testados em animais (Bonobo, 2016).

impossíveis de ser quantificadas (Minayo, 2011). Sendo assim, esta pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a uma discussão mais profunda das relações, processos e fenômenos do ambiente organizacional. Nos apoiamos nas técnicas de observação participante e entrevistas em profundidade. Tanto as entrevistas semi-estruturadas como a observação participante implicam a descoberta do universo pesquisado, de modo que a perspectiva buscada seja aquela vivida pelos indivíduos e grupos que o cercam, necessitando que o pesquisador partilhe de seu cotidiano.

É importante frisar que a inserção dos dois pesquisadores no universo pesquisado se deu, em razão do momento exploratório desta pesquisa, na figura de consumidores. Com o consentimento dos gestores desses locais, procedeu-se, em maio e junho de 2016, às entrevistas e à continuidade das observações em campo. Esta pesquisa teve início em março de 2016, muito embora um dos autores seja, há mais de um ano, consumidor destes locais. Assim, cumpre destacar certa conexão de um dos pesquisadores com os propósitos expostos em tais locais, sociabilidades e suas formas de troca. Algumas discussões remetem às vivências que aconteceram tanto no momento de pesquisa, quanto em momentos anteriores sem a pretensão de construção deste trabalho.

Em um segundo momento, foram realizadas duas entrevistas: a primeira ocorreu no Vulp Bici-Café em abril de 2016 e abordou uma das responsáveis pelo estabelecimento, visto que o café é administrado por um grupo de pessoas. A escolha da entrevista se deu por indicação da própria equipe de gestão do Vulp. A gestora entrevistada tem a função não-formal de relacionamento com meios de comunicação e pesquisadores que procuram o estabelecimento para desenvolvimento de trabalhos ou entrevistas. Os dados foram coletados a partir de um roteiro semi-estruturado cujas perguntas abertas privilegiaram a história do local, sua relação com o circuito ativista vegano e ciclista, gerenciamento do café, as sociabilidades que ali se produzem e práticas de troca desenvolvidas no local. Os conteúdos emergentes estão descritos nas discussões de resultados deste artigo. Durante a entrevista, a comerciante foi muito receptiva aos pesquisadores e respondeu a todas as perguntas sem qualquer restrição.

A segunda entrevista ocorreu no mês de junho de 2016, no MM Lanches que, como o Vulp, faz parte do circuito de consumo vegano e ciclista alternativo de Porto Alegre. O roteiro de entrevistas foi semelhante ao anterior, privilegiando as mesmas questões com a proprietária do

estabelecimento: Selene. Os resultados dos conteúdos desta entrevista estarão desenvolvidos na discussão de resultados a seguir.

Discussão de Resultados

Conforme já apontamos, a constituição de um “circuito” dá-se em função de determinadas práticas, moralidades, formas de troca e entendimentos comum que permeiam diversas instâncias; neste caso, permeiam a construção de um espaço organizacional como o Vulp. Em uma de nossas primeiras visitas ao local, já ficou claro que há uma circulação de pessoas entre diferentes espaços. Os *habitués* dali, por vezes, vão no MMs comer um lanche ou vão ao Vertente bar tomar uma cerveja, sempre acompanhados pelo meio de transporte característico: a bicicleta. Essas práticas que podem passar despercebidas a um consumidor esporádico, não são apenas coincidências, mas **repertórios coletivos** de constituição destes espaços que partilham de valores e utopias semelhantes.

A gente brinca que são lugares que acumulam bicicletas na frente [...] E o Vertente é aqui na Lima e Silva, antes da Venâncio. É tipo o MM, assim, é um mercadinho de esquina que vende cerveja barata e as pessoas... Nossa, a galera da bicicleta enche a rua. E são esses lugares, o MM, o Govinda, o Bonobo, a gente, as oficinas, as bicicletárias que tem também, que a galera vai. Então, são as pessoas que frequentam a Massa Crítica são as pessoas que a maioria são vegetarianas. (Entrevista com Silvia, Vulp, maio de 2016).

Como falou uma das donas do Vulp em entrevista: “Cara, é que nós todos nos conhecíamos, todos somos amigos, né. Todo mundo se conhece desde essa época, assim, da Cidade da Bicicleta”.

A Cidade da Bicicleta é um projeto comunitário para conserto de bicicletas, que ganhou força a partir do advento do Massa Crítica⁵ e outras expressões que buscam questionar a predominância do uso dos carros nas grandes cidades. Em suma, tais movimentos buscam chamar atenção para a bicicleta como meio de transporte, não apenas como elemento de produção de lazer. Criada em 2010, ela localizava-se em uma casa cedida no Bairro Menino Deus e, com o desalojamento da Cidade da Bicicleta daquele lugar, o público frequentador ficou “órfão” de um espaço de sociabilidade de cicloativistas que compartilhassem valores

⁵ “A Massa Crítica é uma celebração da bicicleta como meio de transporte que ocorre em mais de 300 cidades ao redor do mundo. Ela acontece quando dezenas, centenas ou milhares de ciclistas se reúnem para ocupar seu espaço nas ruas e criar um contraponto aos meios mais estabelecidos de transporte urbano (Massa Crítica, 2016).

semelhantes. Recentemente, a Cidade da Bicicleta realizou um financiamento coletivo (*crowdfunding*) para custear o projeto de uma nova sede, a ser concretizada durante o ano de 2016.

Foi também em razão da falta de um local como a Cidade da Bicicleta, que as fundadoras (três amigas) do Vulp Bici-Café decidiram abrir este local, agregando mais experiências como, por exemplo, a culinária, comércio de roupas e acessórios para ciclistas. Desta ideia seminal o Vulp comunica desde sua decoração aconchegante e criativa até seus eventos especiais com preço livre, a ideia central do lugar: aqui além de alimentos veganos também temos conexões com ideias alternativas e outros lugares semelhantes perto daqui. Um dos elementos que corrobora a criação de um “circuito” vegano-ciclista são os frequentes intercâmbios de “chefs” entre diferentes estabelecimentos (por exemplo, cozinheiros do Bonobo⁶, restaurante situado também no bairro Bom-Fim, que por vezes também trabalham no Vulp).

O Vulp é um local conhecido como ponto de encontro de diversos grupos de cultura, comportamento e cultura alternativa na capital do Rio Grande do Sul e, além de servir alimentação vegana, oferece aos frequentadores diversos serviços colaborativos, alguns dos quais não exigem pagamento em dinheiro ou um valor específico, como o “almoço sem preço”. Outra prática comum é oferecer um espaço gratuito onde os ciclistas podem consertar suas bicicletas e trocar equipamentos, como mostra a fotografia abaixo.

Figura 2: Ferramentas para conserto de bicicletas

⁶ Bonobo (2016) define-se como “restaurante vegano e espaço cultural libertário”.



Fonte: autoria própria.

Assim como essas práticas, as trocas na forma de circuitos aqui também encontram importantes referências nos discursos dos entrevistados. Muito mais que lugares de consumo vegano, que por si só tem forte caráter político⁷, a formação de um roteiro na cidade onde as pessoas se encontram e se comunicam foi um ponto fortemente relatado do discurso dos entrevistados.

Alinhando-se às ideias de (Zelizer, 2005;1989), o circuito de consumo e sociabilidade vegana em Porto Alegre, que tem o Vulp como umas das referências, sustenta-se a partir da coexistência temporal e espacial de processos antagônicos que geram uma compreensão mais construtivista dos mercados enquanto estruturas institucionais que comportam práticas e valores contraditórios. De um lado, a ação gerencialista de um negócio no contexto capitalista e de outro as relações ditas “humanizadas”. Esta dicotomia fica clara na voz de nossa entrevistada do Vulp quando diz “Das coisas às vezes, a gente tem almoço sem preço, a gente sempre teve o bolo sem preço, que essa é meio que uma forma de economia alternativa. ” Com frequência, tais espaços

⁷ Segundo Silvia: “Eu sinto às vezes que aqui a gente é um pequeno **espacinho de resistência**. Vamos incentivar economias alternativas, economia solidaria”. Tais repertórios constituem algumas das justificativas (Boltanski e Thevenot, 1991) para constituição do negócio.

articulam práticas que remetem a uma “economia do dom e da dádiva” (Caillé, 2002; Mauss, 2003), em que as trocas não monetárias são privilegiadas nos intercursos do consumo.

Segundo Abramovay (2009), estas propostas alternativas de circuitos vegano, por exemplo, têm como núcleo de seu posicionamento tanto organizacional como de filosofia centrado na subversão da lógica formal capitalista na qual o indivíduo e seus interesses se sobrepõem aos interesses coletivos. Esta proposta também pode ser explicada pelo contexto histórico do nascimento do Vulp no começo dos anos 2010.

Em um dos momentos de observação, um dos pesquisadores, ouviu frequentadores falarem que estavam na noite passada fazendo um Lanche no MMs. Esta lancheria dispõe de um espaço menos planejado, localizado em uma praça como uma “carrocinha” de lanches. De acordo com um dos *habitués* que abordamos durante a vivência em campo, “os ciclistas vão criando esses lugares”. Primeiramente, o Vulp (a partir da Cidade da Bicicleta) e Bonobo, depois, o MMs - ainda que essa definição temporal seja bastante tênue - e depois outros espaços como o “Vertente Bar”, localizado no bairro Cidade Baixa. Na imagem abaixo, pode-se ver a referência das bicicletas também no MMs.

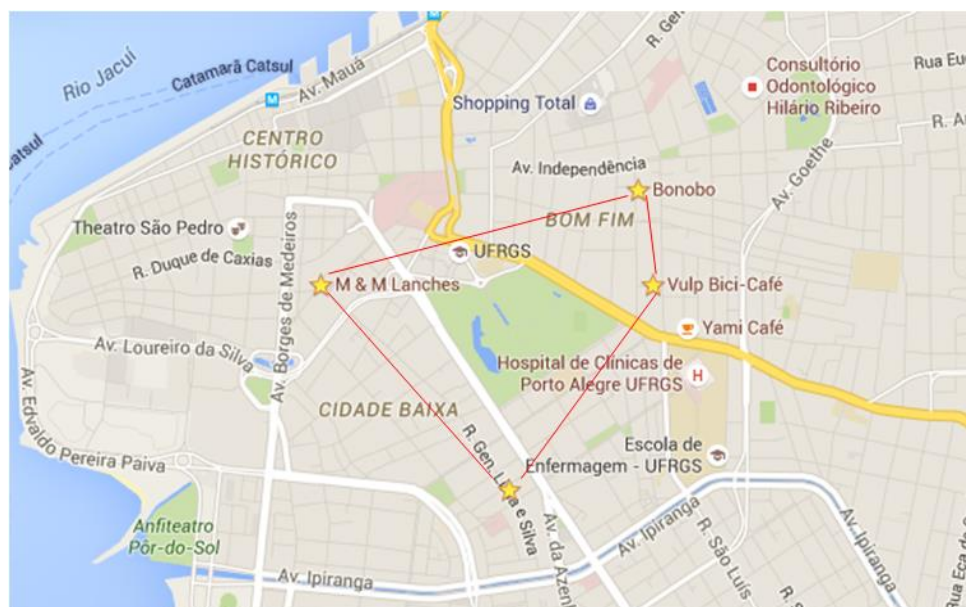
Figura 3: Muro do MM Lanches



Fonte: autoria própria.

Pouco a pouco, cria-se uma territorialidade típica do comércio vegano-ciclista, com suas práticas alternativas e sociabilidades em torno da bicicleta e da alimentação em torno de alguns bairros como: Cidade Baixa, Centro e Bomfim como mostra a figura abaixo enfocando a região central da cidade, próximo às margens do Rio Guaíba.

Figura 4: Circuito Vulp, Bonobo, MM e Vertente



Fonte: autoria própria⁸

A partir das entrevistas e das observações, é possível inferir que todo o funcionamento do Vulp e o circuito que ele se insere permite a vivência social das ideias políticas transformadoras que podem também ser desenvolvidas e praticadas tanto no próprio café e demais espaços alternativos de consumo vegano em Porto Alegre já citados neste trabalho.

Considerações Finais

Este trabalho exploratório e ainda em andamento buscou discutir a constituição de um determinado espaço organizacional a partir da noção de “circuitos de comércio” (Zelizer, 2005), tendo em vista a circulação de pessoas, bens e valores e sociabilidades que ali ocorrem. A fundamentação teórica se sustenta, portanto, em Zelizer (2005) e discussões sobre sociabilidades e espaços organizacionais. A partir destes estudos, o Vulp Bici-Café em Porto Alegre, assim como o circuito que ele se insere constituído por outros estabelecimentos de consumo vegano como o MM Lanches, foram explorados a partir de observações no cotidiano desses espaços e entrevistas em profundidade, ambas técnicas que continuarão sendo realizadas.

Os resultados apontaram para a existência de um circuito de consumo alternativo vegano e cicloativista em Porto Alegre, que busca desenvolver práticas alternativas de gestão e consumo

⁸ Fotografia retirada do sítio da web *Google Maps*, onde foram marcadas quatro localizações comerciais com estrelas.

como principais elementos que constituem seu funcionamento. Nesta parte do circuito, por enquanto, foi possível identificar a vivência de uma nova forma de gerir negócios e se relacionar com os consumidores e com a cidade a partir dos repertórios de ativismo que se territorializaram na parte central da cidade. Isto também demonstra recortes etários (dado que se trata de grupos predominantemente jovens) e de renda (de pessoas oriundas de uma “classe média”) deste grupo que, compartilhando de valores semelhantes, presentifica em espaços específicos seus modos de viver.

Referências

- Abramovay, R. Anticapitalismo e inserção social dos mercados. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. V21, n.1. Jun/2009.
- Bellas, J. Interface Between Organisational Design and Architectural. In: Clegg, S. R.; Kornberger, M. **Space, Organizations and Management Theory**. Copenhagen: Liber & Business School Press, 2006.
- Boltanski, L. e Thévenot, L. **De La Justification: las économies de la grandeur**. Paris: Gallimard, 1991.
- Café Bonobo. Disponível em <http://www.cafebonobo.com.br/>. Acesso em 17/jul.2016
- Caillé, A. **Antropologia do Dom**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- Cavedon, N.R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- Dale, K. Building a Social Materiality: spatial and embodied politics in organizational control. **Organization**, v. 12(5), p. 649-678, 2005.
- Fantinel, L. D.; Fischer, T. M. D. Organizações e Contextos Urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e Sociedade**. Belo Horizonte. Volume 6. N. 15. P. 280-307.
- _____; Cavedon, N. R. A cultura organizacional do restaurante Chalé da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-37, jan./fev. 2010.
- Fassin, D. Vers une théorie de des économies morales. In: Fassin, D e Eideliman, J.S. **Economies Morales Contemporaines**. Paris: La Decouverte, 2012.
- Frugoli, H. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

- Kivinen, N. Constructing Nomadic Organisations in Virtual Spaces? In: Clegg, S. R.; Kornberger, M. **Space, Organizations and Management Theory**. Copenhagen: Liber & Business School Press, 2006.
- Massa Crítica. Disponível em: <https://massacriticapoa.wordpress.com/>. Acesso em 17/jul.2016.
- Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- Markus, T.A. Built Space and Power. In: Clegg, S. R.; Kornberger, M. **Space, Organizations and Management Theory**. Copenhagen: Liber & Business School Press, 2006.
- Minayo, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Simmel, G. **Sociologia**. São Paulo. Editora Ática, 1983.
- Silva, R. S. **Formas Contemporâneas de Ativismo Político: etnografia do movimento Massa Crítica**. Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia Social. UFRGS, 2011.
- Tyler, M.; Cohen, L. Spaces that matter: gender performativity and organizational space. **Organization Studies**, v. 31, n. 12, p. 175-198, 2010.
- Vulp Bici-Café. Disponível em <https://www.facebook.com/vulpbicafe/>. Acesso em 17. jul.2016.
- Zelizer, Viviana. The social meaning of money: “special monies”. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 2, p. 342-377, set. 1989.
- Zelizer, V. Circuits within Capitalism. In: Swedberg, R. **The Economic Sociology of Capitalism**. New Jersey: Princeton University Press, 2005.